

A Ciência Espírita e o período religioso

Discute-se ainda hoje se o Espiritismo é ou não é uma religião. Diríamos que toda dúvida sobre este assunto poderia ser esclarecida pela leitura dos textos de Allan Kardec, os quais abordam a questão de maneira clara e de acordo com a lógica e o bom senso.

Neste opúsculo buscamos colocar, seguindo uma ordem cronológica, os textos de Kardec sobre esse assunto. Não temos a pretensão de esgotar o tema, tampouco gerar polêmica com aqueles que acreditam ser a Doutrina Espírita uma religião; desejamos apenas expor alguns pontos que podem auxiliar o estudioso que busca esclarecer-se sob a luz dos fatos e da verdade, sem se deixar levar por aquilo em que gostaria de acreditar, ou que acha que traria benefícios às suas crenças se fosse acreditado pelos seus pares. Como disse o nosso mestre Allan Kardec: "Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos juízos, o argumento sem réplica."¹

Curitiba, agosto de 2015.

¹ *O Livro dos Espíritos* - Introdução ao estudo da Doutrina Espírita, VII

O Espiritismo é uma ciência positiva

"Quereis à toda força colocar o Espiritismo na categoria de uma religião! Notai bem que ele jamais teve essa pretensão; que jamais se colocou como rival do cristianismo, do qual se declara filho; que ele combate os seus mais cruéis inimigos: o ateísmo e o materialismo. Ainda uma vez: é uma filosofia que repousa sobre as bases fundamentais de toda religião e sobre a moral do Cristo; se renegasse o cristianismo, ele se desmentiria, suicidar-se-ia. São seus inimigos que o mostram como uma nova seita, que lhe deram sacerdotes² e alto clero. Eles gritam tanto e tão frequentemente que é uma religião, que se poderia acabar acreditando." Allan Kardec³

O Espiritismo é uma ciência positiva, asseverou Allan Kardec, a quem devemos o estabelecimento da Doutrina dos Espíritos.

"Como meio de elaboração, escreveu o Mestre, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, isto é, aplicando o método experimental. Fatos de uma nova ordem se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não apresentou como hipóteses nem a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos; assim quanto aos outros princípios".⁴

Quando a Ciência Espírita veio à lume no século XIX, Kardec teve que gastar muito do seu precioso tempo para refutar religiosos, cientistas, metafísicos e outros "guardiães da verdade", que não aceitavam que uma doutrina pudesse falar de Deus e das leis morais e não ser uma religião; intitular-se uma ciência e não lançar mão dos instrumentos de pesquisa das ciências exatas; uma filosofia moral, sem perder-se no nevoeiro das abstrações da metafísica clássica.

A grande preocupação de Allan Kardec, como investigador da verdade e bom educador, não era ser acreditado sob palavra, mas queria que as grandes verdades sobre o mundo dos Espíritos e suas relações com o mundo corporal fossem por todos compreendidas. Foi por essa razão que buscou explicar de

² Aquele que recebeu o sacramento da ordem. O sacerdote batiza, abençoa, celebra, confessa, diz a missa, oficia, prega,

³ *Revista Espírita*, abril de 1862 - Dissertações espíritas - Os mártires do Espiritismo.

⁴ A Gênese - A Gênese, cap. I - Caráter da revelação espírita, item 14.

maneira muito clara o objeto de seus estudos e o seu método de pesquisa.

Referindo-se à Ciência Espírita ele disse:

(...) É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação⁵ e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos sérios depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método não era aplicável senão à matéria, ao passo que o é igualmente às coisas metafísicas."⁶

"Ora, desde o princípio, importava que ela fosse aceita pelas massas, porque a opinião das massas exerce uma pressão que acaba fazendo lei e triunfando das oposições mais tenazes. Eis por que me esforcei em simplificá-la e torná-la clara, a fim de colocá-la ao alcance de todos, com o risco de fazê-la contestada por algumas pessoas quanto ao título de filosofia, porque ela não é suficientemente abstrata e porque ela saiu do nevoeiro da metafísica clássica."⁷

(...) "O raciocínio é o facho que nos guia, disse também o Mestre. Mas o raciocínio de um só pode transviar-se. Eis porque nos quisemos reunir em sociedade, a fim de nos esclarecermos mutuamente pelo concurso recíproco de nossas ideias e observações. Colocados neste terreno, assemelhamo-nos a todas as demais instituições científicas, e nossos trabalhos produzirão mais prosélitos sérios do que se passássemos o tempo a fazer que as mesas se movessem e dessem pancadas."(...) Eis porque, não querendo desviar-nos do nosso caráter científico, afastamos todo aquele que nos procura sem um objetivo sério."⁸

Período religioso

Allan Kardec, sob a assistência do Espírito de Verdade, não poderia se enganar quanto às resistências que inevitavelmente se oporiam às ideias libertadoras que o Espiritismo veio trazer a este mundo imperfeito. Ele próprio previu que o Espiritismo passaria por um período transitório a que denominou "Período religioso", e escreveu essa previsão já em 1863, na Revista de dezembro:

"O primeiro período do Espiritismo, caracterizado pelas mesas girantes, foi o da *curiosidade*. O segundo foi o *período filosófico*, marcado pelo aparecimento do *Livro dos Espíritos*. Desde esse momento, o Espiritismo tomou um caráter completamente outro. Foram entrevistados o objetivo e a extensão, bebendo-se a fé e a consolação, e a rapidez de seu progresso foi tal que nenhuma outra doutrina filosófica ou religiosa oferece outro exemplo. Mas, como todas as ideias novas, ele

⁵ Observação: Ação de olhar atentamente os fenômenos, os eventos, os seres para estudá-los, monitorá-los, e deles tirar conclusões, etc. : Um posto de observação. Relatório, parecer, reflexões de alguém que observou, estudou alguma coisa: consignar suas observações sobre um registro. (larousse.fr)

⁶ A Gênese - A Gênese, cap. I - Caráter da revelação espírita, item 14.

⁷ Revista Espírita, dezembro de 1864 - Da comunhão do pensamento - A propósito da comemoração dos mortos.

⁸ Revista Espírita, julho de 1859 - Sociedade Parisiense - Discurso de encerramento do ano social 1858-1859.

teve adversários tanto mais encarniçados quanto maior era a ideia, porque nenhuma ideia grande pode estabelecer-se sem ferir interesses. É preciso que ela tome o seu lugar, e as pessoas deslocadas não podem vê-la com bons olhos. Depois, ao lado das pessoas interesseiras estão as que, por sistema e sem motivos precisos, são adversárias natas de tudo quanto é novo.

Nos primeiros anos, muitos duvidaram de sua vitalidade, razão pela qual lhe deram pouca atenção. Mas quando o viram crescer, a despeito de tudo; propagar-se em todas as camadas da Sociedade e em todas as partes do mundo; tomar o seu lugar entre as crenças e tornar-se uma potência, pelo número de seus aderentes, os interessados na manutenção das ideias antigas alarmaram-se seriamente.

A luta determinará uma nova fase do Espiritismo e levará ao quarto período, que será o *período religioso*. Depois virá o quinto, o *período intermediário*, consequência natural do precedente e que, mais tarde, receberá sua denominação característica.”⁹

Vejamos que Kardec previu que o Espiritismo passaria pelo período religioso, e inclusive que os que o levariam a esse campo seriam "os interessados na manutenção das ideias antigas."

Os interessados na manutenção das ideias antigas

"Mas, para apreciar o lado forte e o fraco de uma ideia, é preciso conhecê-la em sua essência, e não tal qual a apresentam os interessados em combatê-la, isto é, o mais das vezes truncada e desfigurada.”¹⁰

Em seu opúsculo intitulado *O que é o Espiritismo?* Kardec faz uma pequena conferência espírita com um crítico, um cético e um padre. Naqueles diálogos ele busca ouvir os argumentos de cada um de seus interlocutores, depois refuta todos os que tendem a levar o Espiritismo para o terreno das disputas religiosas, ou para os sofismas de uma crença mística ou uma fé cega. No preâmbulo desse opúsculo ele define o que é o Espiritismo de forma clara e concisa:

"O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas mesmas relações.

Podemos defini-lo assim: *O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.*

Em *A Gênese*, seu último livro publicado, no capítulo primeiro intitulado "Caráter da Revelação Espírita", item 8, Kardec escreveu:

⁹ Revista Espírita, dezembro de 1863 - Período de luta.

¹⁰ Revista Espírita, fevereiro de 1866 - O Espiritismo segundo os espíritas.

"Infelizmente, as religiões não são sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas." ¹¹

Os conflitos

"Ide e agradecei a Deus a gloriosa tarefa que Ele vos confiou; mas, atenção! entre os chamados para o Espiritismo muitos se transviaram; reparai, pois, vosso caminho e segui a verdade." Erasto¹²

O ano de 1863 foi marcante na história do Espiritismo. Além da previsão publicada por Kardec sobre o período religioso por que passaria o Espiritismo, Erasto ditou uma dissertação intitulada "Os conflitos", na qual faz um sério alerta aos Espíritas. Reproduzimos aqui alguns trechos desse ditado:

"Há no momento uma recrudescência de obsessão, resultado da luta que inevitavelmente devem sustentar as ideias novas contra seus adversários encarnados e desencarnados. Habilmente explorada pelos inimigos do Espiritismo, a obsessão é uma das provas mais perigosas que ele terá de sofrer, antes de se fixar de maneira estável no espírito das populações, por isto deve ser combatida por todos os meios possíveis, e sobretudo pela prudência e pela energia de vossos guias espirituais e terrestres.

De todos os lados surgem médiuns com supostas missões, chamados, ao que dizem, a tomar em mãos a bandeira do Espiritismo e plantá-la sobre as ruínas do velho mundo, como se nós viéssemos destruir, nós que viemos apenas para construir.

Não há individualidade, por medíocre que seja, que não tenha encontrado, como Macbeth, um Espírito para lhe dizer: 'Tu também serás rei', e que não se julgue designada a um apostolado muito especial.

Há poucas reuniões íntimas, e mesmo grupos familiares, que não tenham contado entre os seus médiuns ou seus simples crentes, uma alma bastante enfatuada para se julgar indispensável ao sucesso da grande causa; muito presunçosa para contentar-se com o modesto papel do operário que traz a sua pedra para o edifício. Ah! meus amigos! Quanto empenho por pouco resultado!

Quase todos os novos médiuns, em seu início, são submetidos a essa perigosa tentação. Alguns resistem a isso, mas muitos sucumbem, ao menos por algum tempo, até que sucessivos revezes venham desiludi-lo.

¹¹ A Gênese - A Gênese, cap. I - Caráter da revelação espírita, item 8.

¹² O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XX - Os trabalhadores da última hora - Instruções dos Espíritos - Missão dos espíritas, item 4.

Por que permite Deus uma prova tão difícil, senão para provar que o bem e o progresso jamais se estabelecem em vosso íntimo sem trabalho e sem combate; senão para tornar o triunfo da verdade mais brilhante pelas dificuldades da luta? O que querem certos Espíritos da erraticidade, fomentando entre as mediocridades da encarnação essa exaltação do amor-próprio e do orgulho, senão entravar o progresso? Sem o querer, eles são os instrumentos da prova que porá em evidência os bons e os maus servidores de Deus. A este, tal Espírito promete o segredo da transmutação dos metais, como a um médium de R...; àquele, como ao Sr..., um Espírito revela supostos acontecimentos que vão realizar-se, fixa as épocas, precisa as datas, nomeia os atores que devem concorrer ao drama anunciado; a tal outro, um Espírito mistificador ensina a incubação dos diamantes; a outros ainda indicam tesouros ocultos, prometem fortuna fácil, descobertas maravilhosas, a glória, as honrarias, etc. Numa palavra, todas as ambições e todas as cobiças dos homens são habilmente exploradas por Espíritos perversos. Eis por que de todos os lados vedes esses pobres obsedados preparando-se para subir ao Capitólio¹³, com uma gravidade e uma arrogância que entristecem o observador imparcial.(...)

"Tanto é a modéstia o apanágio dos médiuns escolhidos pelos bons Espíritos, quanto o orgulho, o amor-próprio e, digamo-lo, a mediocridade são os caracteres distintivos dos médiuns inspirados pelos Espíritos inferiores. Tanto os primeiros desprezam as comunicações que recebem, quando estas se afastam da verdade, quanto os últimos mantêm contra todos a superioridade do que lhes é ditado, mesmo que seja um absurdo.

Daí resulta que, conforme as palavras pronunciadas na Sociedade de Paris, por seu presidente espiritual, São Luís, uma verdadeira *Torre de Babel* está em vias de edificar-se entre vós. Aliás, fora preciso ser cego ou iludido para não reconhecer que à cruzada dirigida contra o Espiritismo pelos adversários natos de toda doutrina progressista e libertadora, se junta uma cruzada espiritual, dirigida por todos os Espíritos pseudossábios, falsos grandes homens, falsos religiosos e falsos irmãos da erraticidade, fazendo causa comum com os inimigos terrestres, em meio a essa multidão de médiuns por eles fanatizados, aos quais ditam tantas elucubrações mentirosas.

Mas vede o que resta de todos esses andaimes erigidos pela ambição, pelo amor-próprio e pela inveja. Quantos não vistes desabar e quantos ainda vereis desabar! Eu vos digo que todo edifício que não se assenta sobre a verdade, a única base sólida, cairá, porque só a verdade pode desafiar o tempo e triunfar de todas as utopias." (...)

"Assim, pois, meus amigos, tendes que vos defender, não só contra os ataques e calúnias de vossos adversários vivos, mas também contra as manobras ainda mais perigosas dos adversários da erraticidade. Fortalecei-vos, pois, em estudos sadios, e sobretudo pela prática do amor e da caridade, e retemperai-vos

¹³ Capitólio: uma das sete colinas de Roma onde foram construídos os templos consagrados a Júpiter, Juno e Minerva. Alto posto da Antiguidade romana e símbolo de poder e honra.

na prece. Deus sempre ilumina os que se consagram à propagação da verdade, quando agem de boa-fé e desprovidos de toda ambição pessoal.

“Além disso, espíritas, que vos importam os médiuns que, afinal de contas, não passam de instrumentos! O que deveis considerar é o valor e o alcance dos ensinamentos que vos são dados; é a pureza da moral que vos é ensinada; é a clareza e a precisão das verdades que vos são reveladas; é, enfim, ver se as instruções que vos dão correspondem às legítimas aspirações das almas de escol, e se estão em conformidade com as leis gerais e imutáveis da lógica e da harmonia universal.”(...)

“É urgente que vos ponhais em guarda contra todas as publicações de origem suspeita que aparecem ou que vão aparecer, contra todas aquelas que não teriam uma atitude franca e clara, e tendeis como certo que muitas são elaboradas nos campos inimigos do mundo visível ou do mundo invisível, com o objetivo de lançar entre vós o facho da discórdia.

Cabe a vós não vos deixardes apanhar, pois tendes todos os elementos necessários para apreciá-las. Mas, tende igualmente como certo que todo Espírito que a si mesmo se anuncia como um ser superior, e sobretudo como de uma infalibilidade a toda prova, é, ao contrário, o oposto do que se anuncia tão pomposamente.

Desde que o piedoso Espírito de François-Nicolas Madeleine teve a bondade de me aliviar de uma parte de meu fardo espiritual, pude considerar o conjunto da obra espírita e fazer a estatística moral dos obreiros que trabalham na vinha do Senhor. Ah! Se tantos Espíritos imperfeitos se imiscuem na obra que perseguimos, tenho o pesar maior de constatar que entre os nossos melhores auxiliares da Terra, muitos vergaram ao peso de sua tarefa e pouco a pouco tomaram a trilha de suas antigas fraquezas, de tal sorte que as grandes almas etéreas que os aconselhavam foram, desde então, substituídas por Espíritos menos puros e menos perfeitos.

Ah! Eu sei que a virtude é difícil, mas nem queremos nem pedimos o impossível. Basta-nos a boa vontade, quando acompanhada do desejo de fazer o melhor.

Meus amigos, em tudo o relaxamento é pernicioso, porque muito será pedido aos que, depois de se terem elevado por uma renúncia generosa à sua própria individualidade, caírem no culto da matéria, e ainda se deixarem invadir pelo egoísmo e pelo amor a si mesmos. Não obstante, oramos por eles e a ninguém condenamos, porque sempre devemos ter presente na memória este ensino magnífico do Cristo: 'O que estiver sem pecado atire a primeira pedra.' (...)

O número dos médiuns é hoje incalculável e é desagradável ver que alguns se julgam os únicos chamados a distribuir a verdade ao mundo e se extasiam ante banalidades que consideram monumentos, pobres iludidos que se abaixam ao passar sob os arcos de triunfo, como se a verdade tivesse esperado a sua vinda para ser anunciada. Nem o forte, nem o fraco, nem o instruído, nem o ignorante tiveram esse privilégio exclusivo, porquanto foi por intermédio de mil vozes desconhecidas que a verdade se espalhou, e é justamente por essa unanimidade que ela soube ser reconhecida.

Contai essas vozes; contai os que as escutam; contai sobretudo aqueles cujos corações elas tocam, se quiserdes saber de que lado está a verdade.

Ah! Se todos os médiuns tivessem fé! Eu seria o primeiro a inclinar-me diante deles. Mas eles não têm, na maior parte do tempo, senão fé em si mesmos, tão grande é o orgulho na Terra! Não, sua fé não é aquela que transporta montanhas e que faz andar sobre as águas! É o caso de repetir aqui a máxima evangélica que me serviu de tema quando me fiz ouvir pela primeira vez entre vós: *Muitos serão os chamados e poucos os escolhidos.*

Em suma, publicações à direita, publicações à esquerda, publicações por toda parte, pró ou contra, em todos os sentidos e sob todas as formas; críticas exageradas da parte de pessoas que dele nada sabem; sermões fogosos de pessoas que o temem; em suma, digo eu, o Espiritismo está na ordem do dia. Ele revolve todos os cérebros e agita todas as consciências, privilégio exclusivo das grandes coisas. Todos pressentem que ele leva em si o princípio de uma renovação, que uns apoiam com os seus votos e outros temem.

Mas, de tudo isto, o que restará? Desta Torre de Babel o que jorrará? Uma coisa imensa: a vulgarização da ideia espírita, e como doutrina, o que será verdadeiramente doutrinário!

Esse conflito é inevitável, porque o homem é manchado de muito orgulho e egoísmo para aceitar sem oposição uma verdade nova qualquer. Digo mesmo que esse conflito é necessário, porque é o atrito que desfaz as ideias falsas e faz ressaltar a força das que resistem.

Em meio a essa avalanche de mediocridades, de impossibilidades e de utopias irrealizáveis, a verdade esplêndida espalhar-se-á na sua grandeza e na sua majestade.¹⁴

O novo plano de campanha

Em janeiro de 1864 Kardec publica na Revista Espírita, como fazia a cada ano, uma espécie de balanço do movimento do Espiritismo do ano anterior. Eis o que ele diz sobre o ano de 1863:

“O estado do Espiritismo em 1863 pode, pois, assim resumir-se: Ataques violentos; multiplicação de escritos pró e contra; movimento nas ideias; notável expansão da doutrina, mas sem sinais exteriores de natureza a produzir uma sensação geral; as raízes se estendem, crescem os rebentos, esperando que a árvore desenvolva os seus ramos. Ainda não chegou o momento da sua maturidade.”¹⁵

Erasto havia alertado, em 1863, sobre a recrudescência das obsessões que, segundo ele, era resultado da luta que inevitavelmente deveriam sustentar as ideias novas contra seus adversários encarnados e desencarnados.

¹⁴ Revista Espírita, dezembro de 1863 - Instrução dos Espíritos - Os conflitos

¹⁵ Revista Espírita, janeiro de 1864 - Estado do Espiritismo em 1863.

Na Revista Espírita de agosto de 1867 Kardec publica um novo alerta feito pelos bons Espíritos sobre o novo plano de campanha que já vinha sendo executado pelos adversários do Espiritismo. Vejamos alguns trechos:

“Os progressos do Espiritismo causam aos seus inimigos um terror que eles não podem dissimular. No começo brincaram com as mesas girantes, sem pensar que acariciavam uma criança que devia crescer;... a criança cresceu... então eles pressentiram o seu futuro e disseram para si mesmos que em breve estariam com a razão... Mas, como se costuma dizer, o menino tinha vida dura. Resistiu a todos os ataques, aos anátemas, às perseguições, mesmo às troças. Semelhante a certos grãos que o vento carrega, produziu inúmeros renovos... Para cada um que destruíam, surgiam cem outros.

A princípio empregaram contra ele as armas de outra época, as que outrora davam resultado contra as ideias novas, porque essas ideias eram apenas clarões esparsos que tinham dificuldade de vir à luz através da ignorância, e que ainda não tinham criado raízes nas massas;... hoje é outra coisa; tudo mudou: os costumes, as ideias, o caráter, as crenças; a Humanidade não mais se emociona com as ameaças que amedrontam as crianças; o diabo, tão temido por nossos avós, já não mete medo: rimos dele.

Sim, as armas antigas entortaram-se na couraça do progresso. É como se, em nossos dias, um exército quisesse atacar uma praça forte guarnecida de canhões, com as flechas, os aríetes e as catapultas dos nossos antepassados.

Os inimigos do Espiritismo viram, pela experiência, a inutilidade das armas carcomidas do passado contra a ideia regeneradora; longe de prejudicá-lo, seus esforços só serviam para dar-lhe autoridade.

Para lutar com vantagem contra as ideias do século, seria preciso estar à altura do século; às doutrinas progressistas seria necessário opor doutrinas ainda mais progressistas, pois o menos não pode vencer o mais.

Então, não podendo triunfar pela violência, recorreram à astúcia, a arma dos que têm consciência de sua fraqueza... De lobos, fizeram-se cordeiros, para se introduzirem no aprisco e aí semear a desordem, a divisão, a confusão. Porque chegaram a lançar a perturbação nalgumas fileiras, cedo de mais se julgaram senhores da praça. Nem por isto os adeptos isolados deixaram de continuar sua obra, e diariamente, a ideia abre o seu caminho sem muito alarido... Eles é que fizeram o alarido... Não a vedes perpassar tudo, nos jornais, nos livros, no teatro e mesmo na cátedra? Ela trabalha todas as consciências; ela arrasta os Espíritos para novos horizontes; é encontrada no estado de intuição mesmo naqueles que dela não ouviram falar. Eis um fato que ninguém pode negar e que a cada dia se torna mais evidente. Não é a prova de que a ideia é irresistível e que ela é um sinal dos tempos?

Aniquilá-lo é, pois, uma coisa impossível, porque seria preciso aniquilá-lo não num ponto, mas no mundo inteiro; e depois, as ideias não são levadas nas

asas do vento? E como atingi-las? Pode-se pegar pacotes de mercadorias na alfândega, mas as ideias são intangíveis.¹⁶

Que fazer, então? Tentar apoderar-se delas, para acomodá-las à sua vontade... Pois bem! É o partido pelo qual se decidiram. Disseram de si para si: O Espiritismo é o precursor de uma revolução moral inevitável; antes que ela se realize completamente, tratemos de desviá-la em nosso proveito; façamos de maneira que aconteça com ela como com certas revoluções políticas; desnaturando o seu espírito, poder-se-ia imprimir-lhe outro curso.

Assim, o plano de campanha está mudado... Vereis formarem-se reuniões espíritas cujo objetivo confessado será a defesa da Doutrina, e cujo objetivo secreto será a sua destruição; supostos médiuns, que terão comunicações encomendadas, adequadas ao fim que se propõem; publicações que, sob o manto do Espiritismo, se esforçarão para o demolir; doutrinas que lhe tomarão algumas ideias, mas com o pensamento de suplantá-lo. Eis a luta, a verdadeira luta que ele terá de sustentar, e que será perseguida encarniçadamente, mas da qual ele sairá vitorioso e mais forte.”¹⁷

Pode-se perceber que Allan Kardec e os bons Espíritos não estavam alheios às novas táticas dos inimigos do progresso. Percebe-se também que as estratégias de ataque funcionaram, pois o período religioso teve início mesmo antes de Kardec deixar o corpo físico. Essas estratégias triunfarão eternamente? Certamente que não, pois o período religioso é transitório; será sucedido pelo quinto período, que Kardec denominou de "intermediário", depois pelo sexto período, pois o progresso é lei divina.

De lobos, fizeram-se cordeiros, para se introduzir no aprisco

“Não há sujeição tão perfeita quanto aquela que guarda a aparência da liberdade; cativa-se assim a própria vontade.” (Rousseau)

Lembremos que a intenção dos inimigos do progresso é a manutenção das ideias antigas, cuja eixo central são o poder e a dominação. Então, como vimos na comunicação que denuncia o novo plano de campanha, "para lutar com vantagem contra as ideias do século, seria preciso estar à altura do século; às doutrinas progressistas seria necessário opor doutrinas ainda mais progressistas, pois o menos não pode vencer o mais.

Não podendo triunfar pela violência, pelas fogueiras, como no passado, recorreram à astúcia, a arma dos que têm consciência de sua fraqueza... "De lobos, fizeram-se cordeiros, para se introduzir no aprisco e aí semear a desordem, a divisão, a confusão.”

¹⁶ Veja-se o artigo da Revista Espírita, novembro de 1861 - Os restos da idade-média - Auto de fé das obras espíritas em Barcelona.

¹⁷ Revista Espírita, agosto de 1867 - Dissertações espíritas - Plano de campanha - A era nova - Considerações sobre o sonambulismo.

Bem se vê que, pela impossibilidade de matar as verdades trazidas à luz pelo Espiritismo, porque são leis naturais, apoderaram-se delas para acomodá-las à sua vontade...

Disseram: "O Espiritismo é o precursor de uma revolução moral inevitável; antes que ela se realize completamente, tratemos de desviá-la em nosso proveito; façamos de maneira que aconteça com ela como com certas revoluções políticas; desnaturando o seu espírito, poder-se-ia imprimir-lhe outro curso."

Logo que formamos, no início de 2007, o GEAK - Grupo de Estudos Espíritas Allan Kardec, e as reuniões espíritas familiares, com o objetivo estudar a Ciência Espírita tendo por guia prático o *Livro dos Médiuns*, tivemos algumas visitas espontâneas desses Espíritos que desviaram o curso da Doutrina. Tentaram, com ameaças, fazer com que não evocássemos os bons Espíritos, especialmente Allan Kardec e demais Guias que com ele nos trouxeram a Ciência Espírita, que sabemos Superiores. Tentaram que desistíssemos de publicar o site do IPEAK, justificando que um Roteiro de Estudos do Espiritismo com as obras de Kardec atrapalharia os interesses deles, especialmente a Revista Espírita que, disseram eles, tiveram bastante trabalho para "esconder".

Nós evocamos alguns desses Espíritos, possuidores de grande inteligência, não se pode negar, e tivemos com eles diálogos bastante instrutivos. Um deles nos disse:

"Quando Allan Kardec edificou o seu primeiro monumento sustentável, firme, na Terra, com a publicação do *Livro dos Espíritos*, enchemo-nos de um ar de sarcasmo. Disparamos os mais ferinos ataques e desdenhamos, de certa forma, a sua capacidade; cometemos um erro grave, desdenhando essa alma...

Quando ele trouxe à lume o restante das obras e fincou estacas firmes neste terreno, continuamos zombando... Colocamo-nos numa posição de superioridade, e aí temos nos mantido por muito tempo, e cometemos outro erro.

Quando nos demos conta da capacidade desse Espírito percebemos que não conseguiríamos mais deter a sua marcha, então tivemos que apelar para aqueles que estavam ao seu lado, que ele confiava, amava, e passamos então a atacá-los, confundi-los, dissuadi-los. Ganhamos um terreno, afinal, e tudo se consolidou quando essa alma deixou a terra e em seu lugar ficaram aqueles que aceitaram a nossa sugestão de grandeza, de grandiosidade, de sagacidade. Assim eles comprometeram a tarefa, pois sentiram-se maiores que o Mestre, e o discípulo que se sente maior que seu mestre não pode mais segui-lo. Assim fizemos com todos os outros, e temos feito." (Por psicofonia, em 15/01/2011 - Reunião familiar)

As ideias tanto servem para libertar quanto para acorrentar

Se um déspota pode manter alguns escravos a correntes, um sofista habilidoso pode dominar muito mais fortemente pelos grilhões de suas próprias ideias, pois é sobre a ignorância que se assentam as bases dos mais sólidos impérios.

Quando não se tem argumentos válidos para defender ou combater uma ideia a todo custo, apela-se para a astúcia, utilizando-se de sofismas. Foi essa a arma de que lançaram mão os inimigos, encarnados e desencarnados, do Espiritismo.

A palavra sofisma é derivada do grego, *sóphisma* e significa habilidade, invenção engenhosa, raciocínio enganoso.

"Argumento que, partindo de premissas verdadeiras, ou julgadas tais, termina em uma conclusão absurda e difícil de refutar. Raciocínio viciado na base, que repousa sobre um jogo de palavras, um argumento sedutor mas falso, destinado a induzir o interlocutor em erro." (Dic. *Larousse*)

Temos um exemplo de sofisma no *Livro dos Médiuns*, refutado por Erasto, a propósito da mediunidade dos animais, de que trata o item 236, do qual reproduzimos aqui a parte que nos interessa.

"Esta comunicação deu-a ele em seguida a uma discussão, que se travara, sobre o assunto, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos:

"Explanarei hoje a questão da mediunidade dos animais, levantada e sustentada por um dos vossos mais fervorosos adeptos. Pretende ele, em virtude deste axioma: *Quem pode o mais pode o menos*, que podemos "mediunizar" os pássaros e os outros animais e servir-nos deles nas nossas comunicações com a espécie humana. É o que chamais, em filosofia, ou, antes, em lógica, pura e simplesmente um sofisma. "Podeis animar, diz ele, a matéria inerte, isto é, uma mesa, uma cadeira, um piano; *a fortiori*, deveis poder animar a matéria já animada e particularmente pássaros. Pois bem! no estado normal do Espiritismo, não é assim, não pode ser assim..."¹⁸

Vejamos que o adepto do Espiritismo partiu de uma premissa verdadeira, que é o fato de que os Espíritos podem animar a matéria inerte. Depois, lança mão de um axioma que, no contexto parece reforçar a premissa, e conclui que, com mais forte razão os Espíritos poderiam "mediunizar" os animais. Erasto refuta o sofisma com maestria, por ser profundo conhecedor da matéria.

Voltemos ao novo plano de campanha dos adversários da Ciência Espírita. Vejamos que a estratégia deles era destruir o movimento espírita por dentro, desviando-o do curso indicado por Kardec e os bons Espíritos.

Em 2011, por ocasião da Sessão Comemorativa dos Mortos, que fazemos anualmente no GEAK, como Kardec fazia na Sociedade de Paris, após termos feito a prece pelos adversários do Espiritismo, apresentou-se espontaneamente um Espírito que deu o nome de J... Disse que fora jornalista, adversário ferrenho do Espiritismo no século XIX; agora arrependido, veio nos pedir preces. Reproduzimos aqui alguns trechos dos diálogos que tivemos com ele:

J. - Meus amigos, hoje me é permitido vir falar-vos para aliviar um pouco a minha alma.

¹⁸ O Livro dos Médiuns - Segunda parte - Das manifestações espíritas, cap. XXII - Da mediunidade nos animais, item 236.

P. Quem nos fala? R. - Alguém arrependido, arrependido por ter caluniado, perseguido, violado as leis de Deus, por orgulho. Quanto persegui em nome do orgulho, atacando essa doutrina santa...! Ó, Deus! E vocês oram, e esses Espíritos oram para que eu tenha sossego...

P. Já se comunicou em nosso grupo alguma vez? - Não.

P. Gostaria de dizer o seu nome para que possamos orar por você mais diretamente? R. - Sim. J...

P. Esteve com o Mestre no século XIX? R. - Sim. Perseguiu-o e àqueles que eram seus adeptos. Não compreendia, estava cego, orgulhoso. Usei o que mais tinha de bom: a habilidade, o raciocínio, a inteligência... E depois que deixei a carne continuei cruel, perseguindo aqueles que ficaram, confundindo-os. Aí, então, um dia pude dar-me conta do erro, do engano. (...)

Na sessão seguinte perguntamos ao nosso presidente espiritual Santo Agostinho se esse Espírito estava dizendo a verdade, e ele nos disse que sim, e que poderíamos evocá-lo mais vezes, se desejássemos. Então o evocamos a fim de nos instruir mais sobre as estratégias que ele usara.

Evocação.

J... - Estou aqui.

P. Seja bem-vindo. R. - Sinto-me feliz por se ocuparem comigo.

P. Consente em responder algumas perguntas? R. - Sim.

P. Você nos disse que conheceu Kardec pessoalmente, por ventura leu alguns dos seus textos naquela época? R. - Sim, e naquela época ria-me de tudo o que contrariasse a minha “razão pura”, considerava infalível a minha capacidade de pensar, de ver.

P. Foi isso que o impediu de compreender as verdades que hoje já reconhece? R. - Sim. Além do que, quando ocupava-me com os textos de Kardec era para refutá-los, sem uma análise profunda, mais detalhada, numa palavra, sem olhos de ver.

P. Você atribui isso apenas ao orgulho? R. - Certamente, ao orgulho que cega.

P. Você nos disse que possuía muita habilidade, raciocínio acurado e inteligência, e que disso se utilizou para perseguir os adeptos do Espiritismo, antes e depois de sua morte. Então nós vamos, em virtude disso, lhe propor algumas questões.

P. Depois da sua morte pôde perceber se havia outros Espíritos que o influenciavam em suas ideias de oposição, ou agia sozinho, por si mesmo? R. - Hoje percebo que, pela lei de afinidade que se estabelece, nunca estamos sós. Quando me determinava a combater o Espiritismo, sem sombras de dúvidas tinha ao meu lado, a inspirar-me, os inimigos ocultos da nova ciência, ocultos aos olhos da carne, porque eu também fazia-me, embora na carne, um inimigo oculto; eles inspiravam-me, certamente, e quando deixei o corpo, como nos reunimos por afinidade, fui buscar aqueles que tinham as mesmas ideias; encontrei espaço,

ascendência até, e senti-me então mais fortalecido, porque comungávamos das mesmas ideias, tínhamos os mesmos pareceres. Orgulhosos, todos orgulhosos...

P. E dentre esses, alguns mudaram de ideia para o bem, ou continuam tentando confundir os adeptos do Espiritismo? R. - Alguns deram-se conta, foram tocados de alguma forma, reencarnaram; outros não, mantiveram-se firmes, fiéis; fizeram pactos e persistiram como opositores severos e ferrenhos das ideias espíritas, e até lograram êxito; pregaram a divisão, a confusão, desviaram o movimento do bom caminho, desvirtuaram as ideias, a organização do Espiritismo proposta por Allan Kardec; hoje encontra-se o panorama que podem verificar; e todo aquele que levanta a bandeira do Espiritismo sofre os golpes dos seus opositores, que ainda estão firmes nesse propósito.

P. Poderia nos dizer quais estratégias dos inimigos do progresso mais logravam êxito junto aos adeptos daquele século, e ainda nos dias atuais?

R. - Percebendo que os adeptos se uniam de maneira muito firme, calorosa, viam que não podiam combatê-los de fora, era preciso então minar por dentro, lançando ideias que mexessem com o orgulho, esse vício que ainda nos desvia dos verdadeiros compromissos da vida, incensando a vaidade e o egoísmo, não mais de forma tão declarada, mas sugerindo as supostas “missões”, ideias de sufrágio, ideias religiosas deturpadas. Aproximando os adeptos de seus amigos do passado, que comungavam das mesmas ideias, ou criando novos vínculos, as estratégias funcionaram, e o que era uma ciência passou a ser outra coisa. Então, quando não se tem mais o viés científico, baseado na razão e no bom senso, pode-se construir tantas outras coisas... Assim fazíamos, e assim era possível dar armas aos inimigos, pois eram os próprios adeptos que falavam contra aquilo que antes pregavam, ou se desacreditavam pelos atos, e não falo só dos adeptos daquele tempo, mas também da continuação pós Allan Kardec até os dias de hoje.

P. É por isso que Santo Agostinho, presidente espiritual do nosso grupo, sempre nos aconselha a vigilância, a oração e o uso da razão constantemente. As sugestões estão sempre aí, cabe a nós passar tudo pelo crivo da razão e escolher o melhor, o bem, com humildade. R. - Sim.

P. Poderia nos dizer quais barreiras internas opostas pelos adeptos eram mais eficientes, e constituíam obstáculos intransponíveis às sugestões dos inimigos? R. - Aqueles que se mantinham recolhidos no propósito do aprendizado, buscando a instrução, a melhoria moral, esses eram mais difíceis de serem convencidos pelas sugestões do orgulho, pois estavam seguros de que não deviam desviar-se do caminho, da simplicidade; nesses tínhamos dificuldade de incensar a vaidade, o orgulho, não tínhamos portas abertas.

P. Parece que o estímulo à vaidade ainda funciona nos dias de hoje, e é dos mais sedutores. R. - Certamente, certamente funciona; vejo por mim, tão acostumado a lançar mão de argumentos bem construídos, de formas bem elaboradas... Isso nos inflama tanto! Chama-nos tanto a atenção!

P. Qual era a sua ocupação na época? R. - Escrevia... Escrevia...

P. Foi um jornalista? R. - Sim.

P. E hoje, quais são as suas ocupações? R. - Hoje, arrependido, tenho pedido a Deus que me seja permitido inspirar aqueles a quem influenciei, mas

agora com as boas ideias; ocupo-me em refazer, debato-me em apagar as ideias que gritam, condenando-me... quantas calúnias fiz..."

Como podemos constatar, a comunicação com os Espíritos é um dos meios eficazes para nos instruímos, além de poder prestar um serviço, aliviando, pelas preces e pelos diálogos, os Espíritos que sofrem. Desde então temos orado por esse Espírito, e o evocamos de vez em quando para saber suas notícias e para nos instruímos com ele.

Nossos Guias sempre nos dizem que com todos os Espíritos que conversamos podemos tirar grandes ensinamentos, se soubermos observar com cuidado, como recomenda Kardec em suas obras, já que o Espiritismo é uma ciência de observação.

Pode-se perceber, na prática da Ciência Espírita, que Kardec tinha razão ao recomendar a comunicação com os chamados mortos, pela sua utilidade. Ao contrário, percebemos porquê as comunicações foram e são ainda tão combatidas, na tentativa de evitá-las a todo custo.

A esse respeito, eis aqui uma refutação de Kardec:

"Todos os motivos alegados contra as relações com os Espíritos não podem resistir a um exame sério; da obstinação posta nisso, no entanto, pode-se inferir que a essa questão se vincula um grande interesse, sem isso não haveria tanta insistência. A ver essa cruzada de todos os cultos contra as manifestações, dir-se-ia que *eles as temem*. O verdadeiro motivo poderia bem ser o temor de que os Espíritos, muito clarividentes, viessem esclarecer os homens sobre os pontos que se faz questão de deixar na sombra, e fazer-lhes conhecer exatamente o que ocorre no outro mundo e as *verdadeiras condições para ser ali feliz ou infeliz*. É por isso que, assim como se diz a uma criança: 'Não vás lá, há um lobisomem;' diz-se aos homens: 'Não chameis os Espíritos, é o diabo.' Mas por mais que se faça, se proibirem os homens de chamar os Espíritos, não impedirão os Espíritos de vir aos homens tirar a lâmpada de sob o alqueire."¹⁹

O que o Espiritismo tem de mais belo e de mais consolador: as relações do mundo visível com o mundo invisível

Além da abolição da evocação dos mortos nos Centros espíritas de hoje, imposta pelos inimigos do progresso, alegando-se o perigo de tal prática, proíbe-se também as relações com os Espíritos fora dos Centros, tidos por 'lugares sagrados', como outrora os templos consagrados às cerimônias religiosas. Com essa providência dos adversários da nova ciência, e aceita sem exame pelos que os consideram Espíritos superiores, foi deixado de lado o método proposto por Allan Kardec, que são as reuniões espíritas familiares, os grupos espíritas particulares, os Centros pouco numerosos. É bom lembrar que, quando Kardec diz reunião espírita, diz participação dos Espíritos, por evocação ou espontaneamente.

¹⁹ O Céu e o Inferno - Primeira Parte - Doutrina, cap. XI - Da proibição de evocar os mortos, item 14.

Vejam os que diz o Espírito de Verdade a esse respeito, quando interrogado por Kardec:

"Como é que Espíritos, que parecem desenvolvidos em inteligência, podem ter ideias evidentemente falsas sobre certas coisas?

"É que têm suas doutrinas. Os que não são bastante adiantados, e julgam que o são, tomam suas ideias pela própria verdade. Tal qual entre vós."

"Que se deve pensar de doutrinas segundo as quais um só Espírito poderia comunicar-se e que esse Espírito seria Deus ou Jesus?

"O que isto ensina é um Espírito que quer dominar, pelo que procura fazer crer que é o único a comunicar-se. Mas, o infeliz que ousa tomar o nome de Deus duramente expiará o seu orgulho. Quanto a essas doutrinas, elas se refutam a si mesmas, porque estão em contradição com os fatos mais bem averiguados. Não merecem exame sério, pois carecem de raízes.

"A razão vos diz que o bem procede de uma fonte boa e o mal de uma fonte má; por que haveríeis de querer que uma boa árvore desse maus frutos? Já colhestes uvas em macieira? A diversidade das comunicações é a prova mais patente da variedade das fontes donde elas procedem. Aliás, os Espíritos que pretendem ser eles os únicos que se podem comunicar esquecem-se de dizer por que não o podem os outros fazê-lo. A pretensão que manifestam é a negação do que o Espiritismo tem de mais belo e de mais consolador: as relações do mundo visível com o mundo invisível, dos homens com os seres que lhes são caros e que assim estariam para eles sem remissão perdidos. São essas relações que identificam o homem com o seu futuro, que o desprendem do mundo material. Suprimi-las é remergulhá-lo na dúvida, que constitui o seu tormento; é alimentar-lhe o egoísmo. Examinando-se com cuidado a doutrina de tais Espíritos, nela se descobrirão a cada passo contradições injustificáveis, marcas da ignorância deles sobre as coisas mais evidentes e, por conseguinte, sinais certos da sua inferioridade" *O Espírito de Verdade* ²⁰

Combater o ateísmo e o materialismo: principais alvos da nova ciência

"Seria presumir demais da natureza humana supor que ela possa transformar-se de súbito, por efeito das ideias espíritas. A ação que estas exercem não é certamente idêntica, nem do mesmo grau, em todos os que as professam. Qualquer que seja o caso, porém, o resultado dessa ação, mesmo que fraco, representa sempre uma melhora. Será, quando menos, o de dar a prova da existência de um mundo extracorpóreo, o que implica a negação das doutrinas materialistas. Isso é a própria consequência da observação dos fatos. Porém para os que compreendem o Espiritismo filosófico, e nele veem outra coisa que não somente fenômenos mais ou menos curiosos, tem ainda outros efeitos.

O primeiro, e mais geral, consiste em desenvolver o sentimento religioso até naquele que, sem ser materialista, olha com indiferença para as questões

²⁰ *Livro dos Médiuns*, item 301, 6ª e 7ª.

espirituais. Daí lhe advém o desprezo pela morte. Não dizemos *o desejo de morrer*; longe disso, porquanto o espírita defenderá sua vida como qualquer outro; mas uma indiferença que o leva a aceitar, sem queixa, nem pesar, uma morte inevitável, como coisa mais de alegrar do que de temer, pela certeza que tem do estado que se lhe segue.

O segundo efeito, quase tão geral quanto o primeiro, é a resignação nas vicissitudes da vida. O Espiritismo faz ver as coisas de tão alto que, perdendo a vida terrena três quartos de sua importância, não se é mais tão afetado pelas tribulações que a acompanham: daí, mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos; daí também o afastamento do pensamento de abreviar seus dias, pois a ciência espírita ensina que, pelo suicídio, sempre se perde o que se quer ganhar. A certeza de um futuro que de nós mesmos depende tornar feliz, a possibilidade de estabelecermos relações com os seres que nos são caros, oferecem ao espírita suprema consolação. O horizonte se lhe dilata ao infinito, graças ao espetáculo, a que assiste incessantemente, da vida de além-túmulo, cujas misteriosas profundezas lhe é facultado sondar. O terceiro efeito do Espiritismo é o de estimular no homem a indulgência para com os defeitos alheios. Todavia, cumpre dizê-lo, o princípio egoísta e tudo que dele decorre são o que há de mais tenaz no homem e, por conseguinte, de mais difícil de desarraigar. Toda gente faz sacrifícios com prazer, contanto que nada custem e de nada lhes privem. Para a maioria dos homens, o dinheiro tem ainda irresistível atrativo, e bem poucos compreendem a palavra *supérfluo* quando se trata de si. Por isso mesmo, a abnegação da personalidade constitui sinal do mais eminente progresso.”²¹

A fé religiosa

"Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais, que constituem as diferentes religiões. Todas elas têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, pode a fé ser *raciocinada* ou *cega*. Nada examinando, a fé cega aceita, sem controle, assim o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*. Em assentando no erro, cedo ou tarde desmorona; somente a fé que se baseia na verdade garante o futuro, porque nada tem a temer do progresso das luzes, dado que *o que é verdadeiro na obscuridade, também o é à luz meridiana*. Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade; *preconizar alguém a fé cega sobre um ponto de crença é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão*.

"Diz-se vulgarmente que *a fé não se prescreve*, donde resulta alegar muita gente que não lhe cabe a culpa de não ter fé. Sem dúvida, a fé não se prescreve, *nem*, o que ainda é mais certo, *se impõe*. Não; ela se adquire e ninguém há que esteja impedido de possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Falamos das verdades espirituais básicas e não de tal ou qual crença particular. Não é à fé que compete procurá-los; a eles é que cumpre ir-lhe ao encontro e, se a buscarmos sinceramente, não deixarão de achá-la. Tende, pois, como certo que os que dizem:

²¹ *O Livro dos Espíritos* - Parte Quarta - Das esperanças e consolações - Conclusão, VII

“Nada de melhor desejamos do que crer, mas não o podemos”, apenas de lábios o dizem e não do íntimo, porquanto, ao dizerem isso, tapam os ouvidos. As provas, no entanto, chovem-lhes ao derredor; por que fogem de observá-las? Da parte de uns, há descaso; da de outros, o temor de serem forçados a mudar de hábitos; da parte da maioria, há o orgulho, negando-se a reconhecer a existência de uma força superior, porque teria de curvar-se diante dela.”²²

Compreensão: condição da fé inabalável

“A resistência do incrédulo, devemos convir, muitas vezes provém menos dele do que da maneira por que lhe apresentam as coisas. A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta *ver*; é preciso, sobretudo, *compreender*.

A fé cega já não é deste século, tanto assim que precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo, e dela é que se pode, com verdade, dizer que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá nascimento à dúvida. A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. *Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.*”

*A esse resultado conduz o Espiritismo, pelo que triunfa da incredulidade, sempre que não encontra oposição sistemática e interessada.*²³

As montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade

"E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que no mesmo instante ficou são. - Os discípulos vieram então ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: Por que não pudemos nós outros expulsar esse demônio? - Respondeu-lhes Jesus: Por causa da vossa incredulidade. Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seria impossível. (S. Mateus, 17:14 a 20.)

²² *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XIX - A fé transporta montanhas - A fé religiosa - Condição da fé inabalável, item 6 e 7.

²³ *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XIX - A fé transporta montanhas - A fé religiosa - Condição da fé inabalável, item 7.

"No sentido próprio, é certo que a confiança nas suas próprias forças torna o homem capaz de executar coisas materiais, que não consegue fazer quem duvida de si. Aqui, porém, unicamente no sentido moral se devem entender essas palavras. As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem se vençam os obstáculos, assim nas pequenas coisas, como nas grandes. Da fé vacilante resultam a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que se têm de combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.(...)

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; dá a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de chegar ao objetivo visado. A fé vacilante sente a sua própria fraqueza; quando a estimula o interesse, torna-se furibunda e julga suprir, com a violência, a força que lhe falece. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, denota fraqueza e dúvida de si mesmo.

Cumprido não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se conjuga à humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus. Por essa razão é que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos malogros que lhe são infligidos.²⁴

A ideias preconcebidas e os preconceitos

"É um fato comprovado que o Espiritismo é mais entravado pelos que o compreendem mal do que pelos que absolutamente não o compreendem, e mesmo por seus inimigos declarados." Allan Kardec ²⁵

"Falei de ideias preconcebidas, mas há outras além das que vêm das inclinações do inspirado; há as que são consequência de uma instrução errônea, de uma interpretação acreditada num tempo mais ou menos longo, que tiveram sua razão de ser numa época em que a razão humana estava insuficientemente desenvolvida e que, passadas ao estado crônico, não podem ser modificadas

²⁴ O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIX - A fé transporta montanhas - Poder da fé, itens 1 a 4.

²⁵ Revista Espírita, novembro de 1864 - O Espiritismo é uma ciência positiva.

senão por heróicos esforços, sobretudo quando têm por si a autoridade do ensino religioso e de livros reservados.” (...) *Pascal*²⁶

Uma das ideias passadas a "estado crônico", no dizer de Pascal, e que só podem ser modificadas por heróicos esforços, é a comunicação com os mortos.

Tida pelos Antigos gregos como algo natural, mas tomando os Espíritos por deuses, eles os interrogavam e obtinham deles respostas pela boca dos médiuns, então chamados oráculos, pitonisas. Reproduzimos aqui uma explicação dada por Kardec no vocabulário que consta na primeira edição do *Livre des Médiums*, publicado em 1861:

“ORÁCULO – do lat. *os, oris*, a boca. Resposta dos deuses, conforme as crenças pagãs, dadas às perguntas que lhes eram dirigidas. Assim se chamava porque as respostas eram dadas *pela boca* das Pitonisas. (Vide este vocábulo). Por extensão, oráculo se dizia, ao mesmo tempo, da resposta, da pessoa que a pronunciava, bem como dos vários meios empregados para conhecer o futuro. Todo fenômeno extraordinário, capaz de ferir a imaginação, era considerado expressão da vontade dos deuses e se tornava um oráculo. Os sacerdotes pagãos, que não perdiam nenhuma ocasião para explorar a credulidade, se constituíam seus intérpretes e, para tanto, consagravam solenemente os templos, nos quais os fiéis vinham deixar suas oferendas, na quimérica ilusão de conhecer o futuro. A crença nos oráculos evidentemente tem sua fonte nas comunicações espíritas que o charlatanismo, a cupidez e a ânsia de dominação tinham cercado de prestígio e que hoje vemos em toda sua simplicidade.

Uma vez que os deuses não eram outros senão Espíritos, fazer falar os deuses era fazer falar os Espíritos; mas naquele tempo como hoje, há bons e maus Espíritos. Ora, como as pessoas que os interrogavam eram geralmente movidas antes pela ambição e o amor pelas coisas terrestres do que pelo desinteresse e a caridade, é provável que os Espíritos brincalhões vinham mais frequentemente que os bons, divertindo-se às custas da credulidade, e mesmo encontrando auxiliares na fraude com que seus intérpretes concordavam. Sem dúvida, deveria ser muito agradável a esses pretensos deuses o ser adorados; ademais, eles devem ter empreendido um combate sangrento ao cristianismo, que viria quebrar seus altares. Hoje, se não é mais sob o nome de *deuses* que eles buscam enganar os homens, é sob o de *Espíritos*, título mais modesto, mas com o auxílio do qual ainda buscam iludir; o número dos que se deixam iludir diminui, é verdade, à medida que se esclarecem sobre a verdadeira natureza dos Espíritos e sobre os meios de desmascará-los; mas eles ainda enganarão por tão longo tempo, quanto o orgulho, o egoísmo, as más paixões lhes derem império; seu reino não acabará senão onde começa a verdadeira caridade cristã.

Nem toda a antiguidade partilhava desses erros, pois em todos os tempos homens de elite conheceram, ou pelo menos entreviram a verdade. Hoje não resta mais dúvida sobre os antigos mistérios cujo objetivo principal era a iniciação ao

²⁶ Revista Espírita, maior de 1865 - Dissertações espíritas - Deus não se vingará.

conhecimento de Deus e do destino do homem, por uma prática mais esclarecida das comunicações com o mundo invisível, do magnetismo e do sonambulismo. Mas porque essas verdades eram tão cuidadosamente escondidas do vulgo? Havia vários motivos: o primeiro certamente se ligava à ausência dessa caridade universal, essência própria do cristianismo, e que não poderia ser ensinada com autoridade senão pelo seu fundador; o segundo, à preponderância do imenso número de pessoas que viviam dos abusos da ignorância, e se teriam revoltado contra uma doutrina que viesse destruir seus prestígios e seus recursos; Sócrates teve essa triste experiência. Era preciso a missão divina do Cristo para empreender essa luta, luta em que ele sucumbiu corporalmente, mas triunfou moralmente. As provas rigorosas às quais eram submetidos os aspirantes tinham, pois, por objeto, assegurar sua discipulação, sua perseverança, a força de seu caráter, de sua capacidade intelectual para compreender a verdade, e de sua vontade enérgica de tudo enfrentar para chegar a conhecê-la; não era comunicada senão aos homens sérios e capazes, e a severidade das condições era um meio de afastar os curiosos e as pessoas superficiais. Eis o que os antigos filósofos nos ensinaram dos mistérios de Elêusis.(...)

Os mistérios antigos, instituídos com um objetivo sério, degeneraram como tudo o que é de criação humana e não é fundado sobre a lei de Deus. Abusos de toda sorte ali foram introduzidos; o ouro e o poder lhes abriram as portas a homens menos virtuosos, e as provas se tornaram uma verdadeira comédia. Caíram num tal descrédito que filósofos ilustres, como Sócrates, por exemplo, se recusaram a fazer-se iniciar.” (*Le Livre des Médiums, première édition, 1861. Première partie, chap. I – Vocabulaire spirite, Oracle.* Traduzido do francês pela equipe GEAK.)

A guerra surda

Na comunicação, publicada na *Revista Espírita* em 1867, acima citada, podemos perceber que os Espíritos imperfeitos que não querem ver seus altares destruídos mudaram o seu "Plano de Campanha", isto é, suas estratégias, suas táticas de combate às ideias libertadoras e consoladoras propostas pela Ciência Espírita.

A primeira providência geralmente tomada em uma guerra, é destruir os meios de comunicação dos adversários, a fim de enfraquecer a sua união. Destroem-se estradas, pontes, veículos, enfim, fazem tudo o que os possa enfraquecer.

No entanto, caso seja possível preservar esses mesmos meios em proveito próprio, assim se fará. Parece que essa foi a escolha dos adversários do Espiritismo, impedir as comunicações com os Espíritos, ou desejá-las somente para atender aos seus interesses, utilizá-las apenas em seu benefício, por isso atacaram principalmente os médiuns, com obsessões de toda ordem.

Vejamos que Erasto faz soar o alarme em 1863, na dissertação já citada, intitulada OS CONFLITOS:

“Há no momento uma recrudescência de obsessão, resultado da luta que inevitavelmente devem sustentar as ideias novas contra seus adversários

encarnados e desencarnados. Habilmente explorada pelos inimigos do Espiritismo, a obsessão é uma das provas mais perigosas que ele terá de sofrer, antes de se fixar de maneira estável no espírito das populações, por isto deve ser combatida por todos os meios possíveis, e sobretudo pela prudência e pela energia de vossos guias espirituais e terrestres. De todos os lados surgem médiuns com supostas missões...” (...)

Em agosto de 1867, os bons Espíritos fazem soar um novo alerta:

"Assim, o plano de campanha está mudado... Vereis formarem-se reuniões espíritas cujo objetivo confessado será a defesa da Doutrina, e cujo objetivo secreto será a sua destruição; supostos médiuns, que terão comunicações encomendadas, adequadas ao fim que se propõem; publicações que, sob o manto do Espiritismo, se esforçarão para o demolir; doutrinas que lhe tomarão algumas ideias, mas com o pensamento de suplantá-lo.

Aliás, fora preciso ser cego ou iludido para não reconhecer que à cruzada dirigida contra o Espiritismo pelos adversários natos de toda doutrina progressista e libertadora, se junta uma cruzada espiritual, dirigida por todos os Espíritos pseudossábios, falsos grandes homens, falsos religiosos e falsos irmãos da erraticidade, fazendo causa comum com os inimigos terrestres, em meio a essa multidão de médiuns por eles fanatizados, aos quais ditam tantas elucubrações mentirosas.” *Erasto*

Vejamos que a desunião, o sectarismo, foram e continuam sendo as estratégias utilizadas pelos adversários do progresso.

Quanto aos médiuns, por que não utilizá-los para seus interesses de dominação? Foi aí que surgiu a ideia da não evocação, ou do telefone que só recebe chamadas... Então as comunicações com os Espíritos devem servir apenas para receber ordens, não é para instruir-se com os bons Espíritos nem para se relacionar com os seres queridos que partiram.

Essa ideia não é nova, pois se é refutada no Livro dos Médiuns é porque já estava sendo sugerida no século XIX. Vejamos o que diz o item 269:

“Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou atender ao nosso chamado, isto é, vir por evocação. Algumas pessoas pensam que todos devem abster-se de evocar tal ou tal Espírito, e que é preferível esperar aquele que queira se comunicar. Fundam-se em que, chamando um determinado Espírito, não podemos ter a certeza de ser ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, de seu moto próprio, melhor prova a sua identidade, pois manifesta assim o desejo que tem de se entreter conosco. Em nossa opinião, isso é um erro: primeiramente, porque há sempre em torno de nós Espíritos, as mais das vezes de condição inferior, que outra coisa não querem senão comunicar-se; em segundo lugar e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar. Numa assembleia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a toda a gente e sabe-se o que daí resulta. O chamado direto de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamamo-lo pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos

intrusos. Sem um chamado direto, frequentemente um Espírito nenhum motivo teria para vir a nós, a menos que seja o nosso Espírito familiar.

Essas duas maneiras de operar têm cada uma suas vantagens, e inconveniente não haveria senão na exclusão absoluta de uma delas. As comunicações espontâneas inconveniente nenhum apresentam, quando se está senhor dos Espíritos e certo de não se deixar dominar pelos maus. (...)

A falta de um estudo aprofundado do *Livro dos Médiuns, ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores*, pois este é o seu nome completo, é o que ocasiona e favorece o império dos maus Espíritos.

Boa parte dos que se dizem médiuns espíritas, jamais leram esse manual de *Espiritismo Experimental*. Boa parte dos que pregam o espiritismo teórico, e mesmo falam da comunicação com os mortos, desconhece esse livro, e jamais fizeram uma evocação. O *Livro dos Médiuns* foi o resultado dos longos trabalhos do Mestre, e publicado a fim de auxiliar os médiuns e os evocadores, como ele mesmo explica na Introdução dessa obra:

"Todos os dias a experiência nos traz a confirmação de que as dificuldades e os desenganos, com que muitos topam na prática do Espiritismo, se originam da ignorância dos princípios desta ciência e feliz nos sentimos de haver podido comprovar que o nosso trabalho, feito com o objetivo de precaver os adeptos contra os escolhos de um noviciado, produziu frutos e que à leitura desta obra devem muitos o terem logrado evitá-los.

"Um desejo muito natural, entre as pessoas que se ocupam com o Espiritismo, é o de poder entrar elas mesmas em comunicação com os Espíritos. Esta obra se destina a lhes achar o caminho, levando-os a tirar proveito dos nossos longos e laboriosos estudos, porquanto muito falsa ideia formaria aquele que pensasse bastar, para se considerar perito nesta matéria, saber colocar os dedos sobre uma mesa, a fim de fazê-la mover-se, ou segurar um lápis, a fim de escrever."

Incluimos aqui as explicações dadas sobre o Espiritismo por um espírita do século XIX, publicada num jornal comercial e reproduzida na Revista Espírita:

"O Espiritismo é uma ciência, ou melhor, uma filosofia espiritualista, que ensina a moral.

'Não é uma religião, porque que não tem dogmas nem culto, nem sacerdotes nem artigos de fé. É mais que uma filosofia, porque sua doutrina é estabelecida sobre a prova *certa* da imortalidade da alma. É para fornecer essa prova que os espíritas evocam os Espíritos de além-túmulo.

Os médiuns são dotados de uma faculdade natural que os torna aptos a servir de intermediários aos Espíritos e a produzir com eles os fenômenos que passam por milagres ou por prestidigitação aos olhos de quem quer que ignore a sua explicação. Mas a faculdade mediúnica não é privilégio exclusivo de certos indivíduos. Ela é inerente à espécie humana, embora cada um a possua em graus diversos, ou sob formas diferentes. (*Revista Espírita*, fevereiro de 1866 - O Espiritismo segundo os espíritas.)

Nossas fraquezas emprestam força aos inimigos do progresso

“Os mais perigosos inimigos do Espiritismo são, pois, os que o fazem mentir a si mesmo, não praticando a lei que eles proclamam.”²⁷

O que decorre de tudo que expusemos acima, é que a força dos Espíritos dominadores está na razão inversa das nossas fraquezas, pois são as nossas fraquezas que lhes conferem poder sobre nós.

Ademais, vimos que "os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade.”

Os que trabalham pelo progresso da Humanidade são os Espíritos que, no dizer de João Evangelista, vêm de Deus. São os Guias da humanidade.

Como o nosso grupo é formado por pessoas imperfeitas, sujeitas às fraquezas que dão acesso aos Espíritos, também imperfeitos como nós, buscamos o auxílio dos nossos Guias para conhecer os nossos preconceitos a fim de fazer esforços por eliminá-los.

Reproduzimos a seguir alguns dos conselhos e orientações que recebemos dos nossos Guias.

Sobre ideias preconcebidas e preconceitos da rotina

Neste dia estudamos o texto de Pascal, publicado na Revista Espírita de maio de 1865, intitulado “As ideias preconcebidas”, e para nos esclarecer sobre o assunto fizemos a evocação do Espírito de Espinosa e lhe propusemos a seguinte questão: Poderia nos sugerir uma maneira de nos libertarmos das ideias preconcebidas?

Obtivemos a seguinte comunicação:

"Nota-se ponto importante no comportamento humano: seus sentimentos, seu intelecto mudam; crescem e se modificam seus anseios, os desejos se transformam. O conhecimento constrói outros conhecimentos. Esse ser nunca é o mesmo, embora jamais perca sua individualidade.

Tempo há em que, voltando-se para as suas necessidades reais de Espírito imortal, ele se depara com essa realidade que habita dentro de si, que são seus vícios e suas virtudes, suas reais conquistas. Esse momento é crucial porque desperta no ser o desejo de se encontrar; encontrando a si mesmo nesse imenso mundo interior, passa a se deparar com as suas construções: ele as idealizou e as construiu, cabe a ele agora desfazer aquilo que já não considera o melhor, o ideal

²⁷ Revista Espírita, novembro de 1861 - Reunião geral dos Espíritas bordeleses - Discurso do Sr. Allan Kardec.

para o seu atual momento. Os elementos cristalizados demandam mais esforço e habilidade, porém estão em maior destaque na sua personalidade.

Ainda nos parece que a melhor forma de se encontrar, em meio a tantos elementos inconscientes, é o autoconhecimento, a análise delicada, profunda do que somos agora, do que desejamos ser amanhã, e um pouco do que fomos ontem. Num labirinto que parece sem saída, uma boa estratégia é seguir caminhando, marcando, é claro, os passos. Um passo decisivo é querer, abrir caminho para uma resolução nova e agir, criar uma revolução interna, com estratégias e um bom plano de ação.

Questão de alta importância é saber quem somos. A humanidade anseia por se encontrar, mas não vislumbra caminhos. O Espiritismo é um desses bons caminhos. Alto alcance filosófico ele encerra em seu bojo, sua lógica estremece as almas mais céticas e embota, pela razão dos fatos, os mais incrédulos. A decisão para entendê-lo nos parece uma via segura para aquele que deseja ter por norte a razão e adotá-la como guia."

Espinosa.

Psicografada pelo Sr. R. A, em 27/04/2009 – GEAK

No cap. XIX, item 2, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, lê-se:

(...) As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má-vontade, em suma, com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade(...).

Desejando compreender melhor a nós mesmos fizemos a seguinte pergunta aos nossos Guias:

1. Quais são, com relação ao nosso grupo, os preconceitos da rotina mais graves, e como vencê-los? Obtivemos a seguinte resposta:

"Os elementos ancestrais mantidos pelo indivíduo, trabalham como lentes lhe alterando a visão da realidade. Durante muito tempo são conservadas ideias a respeito da forma como se deve encarar as questões da realidade espiritual. Dogmas religiosos incrustados, adormecidos, ganham vida quando o assunto estudado tem alguma relação com eles. A questão da fé é um desses assuntos que, durante séculos, foi encarado como algo que deveria ter sempre uma ponte, um intermediário para assegurá-la.

Julgar com a razão é algo novo para vós; estabelecer a razão em fatos é exercício que começastes há pouco tempo. As lentes distorcidas dos preconceitos se apresentam a todo instante e, se não são percebidas, continua-se a interpretar as coisas de forma equivocada.

A razão diz que é preciso dispensar os intermediários, não mais a fuga pela transferência de entendimento; a hora é de raciocínio, de avaliação, de auto-avaliação.

Surgirão momentos em que os vossos atos não estarão concordes com a vossa fé; esse é o momento em que deveis identificar os preconceitos e eliminá-los. Dentre os vossos maiores preconceitos sobre a fé, está a distância a que vos colocais do Criador e a dependência de um intermediário, quando Deus está bem próximo de vós. O que o Espiritismo vem propor é uma nova visão a respeito da fé. É preciso vos acostumardes com esses conceitos, aprofundá-los e compreendê-los.

A necessidade de saber, em vosso grupo, é característica marcante; por isso, seguir esse roteiro que é o Espiritismo é aumentar a vossa fé. O saber pelo saber significa continuar alimentando os preconceitos. Portanto, estabelecer coerência entre o saber e a prática é o chamamento principal neste momento. Viver sem coerência é viver a fé vacilante; viver e estabelecer regras bem definidas daquilo que se deseja alcançar, é ter fé e segui-la. Esclarecer-se é modificar as lentes com as quais apreciais a vida. Os meios mais eficazes o próprio Espiritismo aponta a cada momento, chamando o estudante à observação, observação no dia-a-dia e atenção redobrada para com todos os atos e pensamentos, pois as ações são decorrentes dos pensamentos.”

Um Anjo guardião.

Psicografada pelo Sr. R. A., reunião familiar em 11/06/2009 - estudo sobre a fé.

Preconceito religioso

Numa de nossas sessões evocamos nosso Presidente espiritual, e lhe fizemos a seguinte pergunta:

1. Há bem pouco tempo os membros que agora compõem este grupo, mesmo os mais dedicados ao estudo dos textos de Kardec, não conseguiam perceber erros grotescos contidos em algumas obras psicografadas na atualidade, por vezes com ensinamentos contrários aos trazidos pelo Espiritismo, e mesmo os tomávamos como grandes verdades. Poderíamos estar sob alguma espécie de fascinação exercida por maus Espíritos, ou algum outro tipo de influência perniciososa?

Eis a resposta:

“Ilusão, sim, provocada e alimentada muitas vezes por Espíritos pseudo-religiosos que se aproveitam dos preconceitos e hábitos do passado, tais como:

- a crença cega e confortável na autoridade constituída;
- a pouca experiência na reflexão e análise de ideias e raciocínios;
- a falta de coragem para aceitar e viver a nova realidade que se apresenta.”

Quase dois anos haviam-se passado desde que recebemos a resposta acima, dada pelo nosso presidente espiritual Santo Agostinho, mas ainda precisávamos compreender melhor o que em nós dá entrada a Espíritos religiosos dogmáticos que se aproveitam dos nossos preconceitos e hábitos, pois desejamos avançar guiados pelos Espíritos do progresso.

Evocamos nosso mestre Allan Kardec e lhe fizemos a seguinte pergunta:

1. Caro Mestre, pedimos que nos ajude a compreender o que significa o preconceito religioso que parece ainda nos caracterizar e que dá margem às más influências? Recebemos a seguinte resposta:

“A ciência espírita deve ser vista por vós como instrumento de transformação moral. Os seus adeptos sinceros devem, pois, estar sempre buscando a própria melhoria, combatendo em si os germens do orgulho e do egoísmo que lhes atrasam os passos. Devem eles vencer as más inclinações e preparar-se sempre para novas provas, pois entendem que a vida terrena é um contínuo aprendizado.

Tudo isso vos digo para que percebaís que o preconceito religioso sobre que tanto vos alertamos tem por característica primeira a não reflexão sobre os próprios atos. Poucos se perguntam: "Por que ajo assim?" "Qual o objetivo desta minha decisão?", desde as mínimas coisas até aquelas que aparentemente têm um impacto maior na vida. A crença de que as próprias ações não têm um porquê e não geram nenhuma consequência ilude, com ar de inocência, a paralisia dos Espíritos que não estão dispostos ao trabalho árduo de mudar a si mesmos; tomam então a admiração do bem como sendo o próprio bem, encontrando, do ponto de vista individual, a justificativa para permanecerem como estão.

Do ponto de vista do grupo, há alguns aspectos que devem ser ressaltados, como a progressividade do aprendizado e a aplicação dos conhecimentos já adquiridos. Num grupo onde o preconceito religioso não domine, quando um bom conselho for recebido todos se esforçarão para aplicá-lo e provavelmente dúvidas surgirão, pois o entendimento e o efeito do conhecimento adquirido têm particularidades, porque é levada em consideração a situação em que se encontra cada Espírito, daí o dinamismo que caracteriza o Espiritismo.

O modo como cada indivíduo se relaciona com as dificuldades é outro aspecto importante que eu gostaria de vos lembrar; quando surge um problema, o preconceito religioso faz com que se entenda esse problema como punição; ao contrário, aquele que deseja a verdade busca rearranjar as variáveis e repete quantas vezes sejam necessárias as tentativas para encontrar a solução. Ademais, apresenta o problema para que outros, livres das prevenções e das pressões exercidas sobre o grupo, o analise e se possa então melhor observá-lo; por isso o grupo alegra-se quando novos núcleos surgem.

Utilizar as ferramentas da ciência espírita é bem simples, mas exige firmeza de caráter, vontade constante e um desejo sincero de melhorar-se; se agirdes

assim, unindo a essas qualidades a humildade de coração, sempre tereis os bons Espíritos ao vosso lado.”

Allan Kardec.

Psicografada pelo Sr. C. M., em 06/01/2015 – Reunião familiar.

Segunda entrevista - 16 de janeiro de 2015

Ainda investigando sobre o preconceito religioso, no dia 16 de janeiro de 2015, nós evocamos Allan Kardec novamente e lhe fizemos a seguinte pergunta:

1. Caro Mestre, ajude-nos a compreender melhor o preconceito religioso que ainda nos atrapalha o progresso, e que o nosso Presidente espiritual chamou de “crença cega e confortável na autoridade constituída.”

Recebemos a seguinte resposta:

“Meus amigos,

O projeto essencial do Espiritismo é a transformação do homem, descortinando-lhe uma verdade que até então o influenciava, mas que ele não entendia como tal ação ocorria; essa busca pela verdade tem, nas ideias preconcebidas e nos preconceitos, dois de seus grandes empecilhos; tudo o que alimenta essa postura, orgulho, vaidade, interesse próprio, atrapalham o avanço que o Espiritismo pode operar.

Um dos grandes preconceitos a ser vencido é o chamado preconceito religioso. As religiões, como instituição, garantem a sua legitimação pela apropriação da verdade e passam a defender sua interpretação como defende-se uma propriedade do ataque dos ladrões; todo aquele que entende diferente passa a ser visto como uma ameaça, pois pode vir a ferir-lhes os interesses; passa a religião a ter como característica principal o esforço de convencer seus adeptos a aceitar as respostas que ela oferece.

O Espiritismo, ao contrário, exige dos seus adeptos um permanente processo de investigação da verdade; pede que entendam que é pelo esforço constante de melhorarem-se que se chega à compreensão da verdade. O entendimento das leis divinas dá-se pela vivência das virtudes que já conheceis, virtudes estas que alavancam vosso saber para um outro patamar. A comunicação regular com os Espíritos é fundamental neste processo, pois vos aproxima desde já do vosso destino futuro; podereis dizer que já possuíis tal certeza e não precisaríeis então refazer os passos já dados; embora parte deste pensamento esteja correto, ele apresenta uma armadilha a que deveis estar atentos: não seria tal crença obtida pela autoridade religiosa que vos descrevi, tendo sido mais imposta do que propriamente uma aquisição do espírito? Porém, se vossa crença for sincera tereis então modificado vosso comportamento; logo, deveis continuar buscando o auxílio dos vossos guias e interagindo com os diversos Espíritos que vos cercam, pois agora tereis novas perguntas e novas habilidades que vos ajudarão a trabalhar de forma diferente pelo progresso da humanidade. O saber

adquirido por ideias preconcebidas tende ao comodismo; o saber verdadeiro busca incessantemente aperfeiçoar-se porque está sempre unido à humildade de coração.”

Allan Kardec.

Psicografada pelo Sr. C. M., em 16/01/2015.

O pouco uso da razão e a falsa noção de mérito

Num de nossos encontros estudamos a Parábola do festim de bodas, *Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VIII – “Muitos os chamados, poucos os escolhidos”, itens 1 e 2 e “Muito se pedirá àquele que muito recebeu”, itens 10 a 12.

Em seguida evocamos nossos Guias e perguntamos, a propósito da "Parábola do festim de bodas":

1. Por que motivo nós ainda não atendemos o “convite” a que se refere a parábola do festim?

Recebemos várias comunicações apócrifas, mas também uma assinada Erasto que julgamos ser um bom conselho:

"Meus amigos queridos, que a paz do Senhor esteja com todos vós.

Ferrenhas lutas tereis que travar, eu bem sei. Enfrentareis um inimigo terrível; usado para vos desestimular, o desânimo é uma nova estratégia por parte dos Espíritos que não desejam o vosso progresso; a dúvida, instrumento de verificação para aqueles que desejam não ser enganados, tornou-se ferramenta de desestímulo para os que ainda carregam uma falsa noção de mérito. Aqueles que não querem o vosso bem, ousam e substituem as vozes dos vossos Guias, distanciam o mestre Kardec de vós e vos obrigais a um falso ofertório. E os homens, tementes ao mistério, mas pouco acostumados ao uso da razão, perdem-se pela admiração e entregam-se ao descanso falso da alma que ouve algumas adulações disfarçadas de conselhos, fugindo assim do esforço contínuo de melhorar-se, esse sim, o mérito real que vos une aos Anjos de Deus.

Evitai, meus amigos, que este mal tome conta de vossos grupos. Evocai vossos guias e examinai todas as orientações; vede se guardam as palavras do Mestre, pois ele dirige este movimento. Todo grupo sincero, além do seu guia escolhido, tem em Allan Kardec um amigo; esforçai-vos para que esta amizade seja o elo que vos una, pois o grande banquete vos é ofertado. Caberá a cada um de vós vestir a sua túnica."

Erasto.

Psicografada pelo Sr. C. M., em 08/07/12.

Admiração do bem como se fosse o próprio bem

Em nosso encontro anual de 2012, do qual participaram amigos de várias localidades do Brasil, líamos e relíamos os textos de Kardec que escolhemos para nossas reflexões, e comentávamos, admirados, sobre a lógica e o bom senso do

nosso Mestre na elaboração da Ciência Espírita. À noite evocamos nossos Guias e lhes passamos a palavra que para que também eles fizessem parte das nossas discussões de maneira mais direta. Eis uma das comunicações que recebemos:

"Aquele que reflete no bem sem ações que indiquem o aprendizado, é como o indivíduo que, possuidor do instrumento mais próprio para o seu benefício, usa-o apenas como objeto decorativo.

Por muito tempo, amigos, nossos esforços intelectuais foram no sentido do conhecimento a benefício dos valores puramente materiais. Hoje, que a doutrina espírita se mostra como iluminadora, precisais estabelecer para convosco mesmos o compromisso de levá-la às suas últimas consequências, convertendo-a em ações que provarão o valor da transformação.

Poderíeis passar anos apreciando a beleza da forma concisa e tão bem estruturada da lógica kardequiana, mas isso apenas faz refletir o que essa alma foi capaz de atingir por seus esforços sinceros. E se ele aceitou estar entre vós para vos deixar o reflexo do seu grau de adiantamento, foi porque ele é o que vive. Vivência, essa é a palavra chave para se deixar o comodismo puramente intelectual, pois as bases estão postas, agora a razão está vos convidando a outras delícias que precisais experimentar, e que deixarão o terreno da alma mais brando, menos árido. A caridade, o amor ao dever, é dever daquele que, combatendo o orgulho, já pode seguir mais resolutivo, balizado pelos ensinamentos recheados de exemplos, e leis que asseguram o caminhar firme.

O amor ao dever é o olhar para o alto na certeza de que Deus vela e vos aguarda a maioria para planos maiores no Seu reino de amor."

Lázaro

Psicografada pelo Sr. R. A, em 18/02/2012.

Nesta sessão, aproveitando que alguns amigos que participaram do nosso encontro anual ainda estavam conosco, nós lemos o texto: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XIX - A fé transporta montanhas - Instruções dos Espíritos - A fé humana e a divina, item 12. E, por ser o dia 17 de fevereiro a data do aniversário de morte de Giordano Bruno, e o dia 21 o da morte de Espinosa, nós os evocamos e pedimos que nos falassem sobre os seguintes temas: A crença cega na autoridade constituída e os preconceitos. Recebemos as seguintes comunicações:

"A busca da verdade afetou nossas vidas, mas nunca nos sentimos como mártires. Acreditávamos e sabíamos que essa busca tinha consequências. Em tempos difíceis as atitudes exigem uma firmeza maior ainda. Não desejávamos lutar contra o mundo; não planejavamos uma guerra para que o mundo soubesse que tínhamos a razão. Fizemos o que deveria ser feito. Buscamos seguir o em que acreditávamos e nos colocamos dispostos ao debate, mas os homens preferem as vozes mudas, os pensamentos domesticados e a razão subordinada.

Tivemos que enfrentar primeiramente as nossas próprias crenças e aceitar que a busca da verdade é antes de tudo um ato de humildade; é admitir que não

se sabe tudo e que o que se aprendeu pode estar errado. Isso foi entendido como uma ousadia; éramos a personificação do orgulho que perdia o homem; manchávamos o amor de Deus e a nossa existência era uma ofensa ao Criador.

E hoje, em tempos em que os homens parecem mais livres para pensar, embora presos pelas distrações, dizemos-lhes que a maior coragem que a fé proporciona é a humildade de querer compreender a vontade de Deus."

Espinosa e Giordano Bruno.
Psicografadas pelo Sr. C.M, em 18/02/2015.

“O homem determina o tempo que levará para ser o que almeja como Espírito imortal. Há aqueles que se utilizam de uma bandeira filosófica ou religiosa para atingir seus próprios interesses; mas aqueles que compreendem e incorporam à sua vivência os preceitos que pregam são verdadeiros em sua convicção, e mesmo que por momentos se distanciem da verdade, quando a encontrarem saberão reconhecê-la e a ela se renderão, reconhecendo seu equívoco, pois são fiéis à sua crença e verdadeiros em seu proceder.”

Voltaire
Psicografada pela Sra. N. L., em 31/03/2013 – reunião familiar.